

A lógica dos números

O senador amazonense Jefferson Péres, do PSDB, entrou para o índice do Palácio do Planalto de maneira meio inesperada — e emblemática. O senador, além de integrar a base parlamentar governista, tem um perfil discreto, que não se encaixa com o de alguém que busca notoriedade a qualquer preço. Não é definitivamente um radical.

Por tudo isso, foi escolhido pelo senador Ney Suassuna, da Comissão de Orçamento do Congresso, para relatar as contas do governo no ano passado. Jefferson fez o óbvio: relatou as contas, sem a preocupação de agradar ou de dourar a pílula. Confrontou-as com as do exercício anterior e fez as observações cabíveis, que os números impunham.

Constatou, por exemplo, que o governo reduziu seus investimentos em saúde e educação, inversamente ao que apregoa a publicidade oficial (cujos gastos, por sinal, aumentaram substantivamente). Constatou também que numerosas estatais gastaram além do que lhes estava autorizado, o que constitui crime de responsabilidade.

O senador cometeu a ingenuidade de colocar isso por escrito, causando enorme dor de cabeça para as lideranças governistas. O relatório não foi votado, o governo conseguiu ganhar tempo. Quer agora destacar do relatório as observações críticas e extirpá-las por meio de emendas supressivas. Como tem maioria, não é difícil fazê-lo. Difícil é impedir que o processo seja identificado pela opinião pública.

Jefferson subitamente passou a sentir em torno de si a adrenalina do Planalto. Sente-se, porém, tranquilo. Primeiro porque fez o que tinha que ser feito. Segundo porque não tem a intenção de fazer disso cavalo de batalha.

No seu estilo modesto de funcionário público, faz o que acha que deve ser feito, sem se preocupar com esquemas. Nem sempre, em política, isso dá certo. Ontem, por exemplo, Jefferson ouviu o porta-voz do Planalto, embaixador Sérgio Amaral, declarar num programa de televisão que é falsa a afirmação da imprensa de que os gastos com publicidade do governo aumentaram.

Disse que se dispunha a esclarecer isso ao Congresso. Ato contínuo, Jefferson apresentou requerimento à Mesa do Senado, convocando-o. Um gesto oposicionista, acusam os governistas. Ele diz que não: um gesto de alguém que integra um Poder cuja missão é investigar os demais poderes. E, afinal de contas, foi o próprio Sérgio Amaral quem se prontificou a ir depor (ainda que o tenha feito por mero efeito-retórico).

Jefferson quer saber — e não apenas ele, com certeza — se os gastos efetivamente subiram na proporção anunciada, como estão sendo direcionados e de onde estão sendo tirados. O senador não faz insinuações, nem toma a defesa de ninguém — nem do ministro da Saúde, Carlos Albuquerque, cujas queixas por falta de verbas o tornarem alvo de reprimendas públicas por parte do presidente da República.

Quer apenas saber a lógica dos números, a mesma que lhe informa que o Brasil, embora com um PIB dez vezes menor que o dos EUA, gasta em publicidade estatal quase tanto quanto a Casa Branca.